



“TEMOS MUITO O QUE APRENDER” : REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DOCENTES SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E HOMOFOBIA

Elaine de Jesus Souza; Joilson Pereira da Silva; Claudiene Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS; elaine.js.sd@hotmail.com; Universidade Federal de Sergipe/UFS, joilsonp@hotmail.com; Universidade Federal de Sergipe/UFS, claudienesan@gmail.com

RESUMO: As representações sociais acerca da diversidade sexual e homofobia podem ser utilizadas para desestabilizar realidades sociais, sobretudo educacionais, que envolvem uma multiplicidade de indivíduos e grupos, como os/as educadores/as, com crenças, opiniões, saberes e práticas que podem ser (re)construídos através da análise das representações. Nesse sentido, este estudo qualitativo teve como principal objetivo: Descrever e analisar os principais conteúdos das representações sociais de docentes acerca da diversidade sexual e da homofobia na escola. Para tanto, empregamos o método de análise de conteúdo categorial temática e realizamos entrevistas e questionários semiestruturados com sete docentes do ensino fundamental 2. Os resultados obtidos evidenciaram representações reducionistas, normativas e ambíguas acerca da diversidade sexual e da homofobia, o que serve para ressaltar que as representações sociais são fluidas e carregadas de contradições. Os/as educadores/as expressaram, de modo sutil ou manifesto, pré-conceitos acerca das identidades sexuais e de gênero que destoam do padrão heteronormativo. Contudo, as (in)formações e os conhecimentos acerca das temáticas diversidade sexual, sexualidade e gênero contribuem com a familiarização das diferenças e em consequência possibilitam a reconstrução das representações sociais, o que pode incluir mudanças nas concepções, saberes e práticas em favor das diversidades e contra a homofobia e toda forma de violência.

Palavras-Chave: Representações sociais, Diversidade Sexual, Homofobia, Docentes.

INTRODUÇÃO

Nesse cenário pós-moderno, a presença das diferenças sejam culturais, socioeconômicas, políticas, físicas, sexuais e/ou de gênero (entre outras) poderiam contribuir de forma significativa com os (re)aprendizados, as partilhas e as transformações humanas.

Nessa direção, a escola é um dos espaços permeado pelas diversidades sexuais e de gênero, entretanto as multiplicidades de identidades sociais costumam ser cerceadas pelos muros e amarras que tentam enquadrar todos os sujeitos num padrão social arbitrário e contrário ao direito de vivenciar e expressar de forma segura e democrática as suas diferenças.



Na tentativa de enquadrar os sujeitos, as normas sexuais e de gênero contribuem para a (re)produção da homofobia em todas as suas formas, isto é, não somente por meio de violências físicas e/ou discriminações diretas e intencionais, mas também envolve as manifestações preconceituosas camufladas, ditas não intencionais. Ou seja, inclui as violências não físicas perpetradas contra a diversidade sexual através de provocações, zombarias, silenciamentos, exclusões que representam o cerne das práticas homofóbicas manifestadas na escola.

Entre as pesquisas realizadas no Brasil acerca da homofobia a de maior impacto foi a conduzida pela UNESCO em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal contando com uma amostra de 16.422 estudantes, 241 escolas, 4.532 pais e 3.099 educadores/as e funcionários de escolas (ABRAMOVAY, CASTRO; SILVA, 2004). Tal pesquisa evidenciou os efeitos da carência de formação docente no campo de sexualidade e a amplitude da rejeição da diversidade sexual no âmbito escolar, o que representa uma conformidade com o padrão heteronormativo (ABRAMOVAY, CASTRO; SILVA, 2004; NARDI, 2010).

De modo paradoxal, as representações sociais além de envolverem componentes estáveis e normativos, também são constituídas por processos dinâmicos,

cambiantes e voláteis que, portanto podem ser transformados em favor do reconhecimento das diferenças sexuais e de gênero. Dessa forma, é possível utilizá-las para desestabilizar realidades sociais de diversas áreas do conhecimento, sobretudo a educação, que envolve uma pluralidade de indivíduos e grupos (tais como os/as educadores/as) com crenças, opiniões, saberes e práticas que podem ser (re)construídos através da análise das representações. Nesse sentido, este estudo teve como principal objetivo: Descrever e analisar os principais conteúdos das representações sociais de educadores/as (do ensino fundamental 2) acerca da diversidade sexual e da homofobia na escola.

Diversidade Sexual e Homofobia: interface com as representações sociais

A diversidade proporciona a construção de valores, significados, representações (e autorrepresentações) e múltiplas possibilidades de vivências. E estas novas possibilidades de ver e perceber indivíduos e grupos podem possibilitar a desmistificação de representações que resultam na criação dos estereótipos e preconceitos em torno da diversidade sexual e, dessa forma, contribuir para a desconstrução desse sistema de crenças e mecanismos de percepção que são utilizados



para (re)produzir e legitimar relações de poder assimétricas (JUNQUEIRA, 2009).

Nessa direção, a diversidade sexual envolve as múltiplas expressões e vivências de sexualidade e gênero, incluindo as identidades sexuais (heterossexuais, homossexuais, heterossexuais e bissexuais) e as identidades de gênero, dentre as quais destacam-se travestis e transexuais (LOURO, 1997).

As representações sociais constituem sistemas de interpretação que orientam e organizam as comunicações e comportamentos (JODELET, 1993) – podem ser utilizadas para expressar alteridade, lutando pela compreensão, interpretação e construção de um mundo que acolhe a diversidade de sujeitos que ocupam o espaço público: um domínio de vida comum. Para tanto, aponta-se a relevância de recuperar o pensamento, a palavra e a construção de saberes sociais, como formas de sustentar a democracia e a cidadania (JOVCHELOVITCH, 2008). Para Moscovici (2010), a mudança de nossas representações sociais pode promover a superação de nossos preconceitos.

Nesse contexto, o conceito homofobia visto de forma abrangente, passa a englobar os preconceitos e discriminações perpetrados contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades sexuais e de

gênero, em decorrência dos comportamentos, estilos de vida e ‘aparências’ divergentes dos padrões heteronormativos. E, portanto, envolve elevado grau de violação dos direitos humanos de tais indivíduos e/ou grupos sociais. Assim, o conceito de homofobia não se restringe e centra-se somente no indivíduo e na sua “reação anti-homossexual”, mas se estende além, visto que, engloba aspectos culturais, educacionais, políticos, institucionais, jurídicos, antropológicos que demandam a reflexão, crítica e denúncia acerca da imposição de normas sexuais e de gênero (JUNQUEIRA, 2009; RIOS, 2009).

As representações expressam tanto convenções, prescrições e normatizações socioculturais (como a homofobia), quanto a multiplicidade e a diversidade, quando admitem uma parte de reconstrução e novas interpretações acerca dos sujeitos e das realidades sociais (JODELET, 1993; MOSCOVICI, 2010). Desse modo, as representações sociais podem ser utilizadas para transformar palavras, categorias, temáticas (como a diversidade sexual) em algo familiar e significativo. Para tanto, aponta-se a necessidade de colocar em prática os mecanismos de ancoragem e objetivação, que transformam “o não familiar em familiar”, primeiro nomeando e atribuindo significados, depois, reproduzindo de forma



concreta algo que era abstrato (MOSCOVICI, 2010).

A ancoragem, como o próprio nome sugere, busca ancorar e/ou relacionar ideias estranhas a imagens e categorias comuns, isto é, inseri-las em um contexto familiar. Através do processo de ancoragem, as coisas são nomeadas e classificadas, deixando de ser estranhas e tornando-se reconhecidas com significados atribuídos. O mecanismo de objetivação permite transformar esse conhecimento ainda abstrato em algo concreto, substituindo a ideia de não familiaridade pela de realidade, ao passo que torna o objeto acessível e compreensível. Ou seja, a objetivação possibilita transferir o que está na mente e é considerado um universo puramente intelectual e remoto em algo reproduzido através de imagens ou coisas aparentes “diante dos olhos”, que se pode ver e tocar, materializando-se no mundo físico (MOSCOVICI, 2010).

É nesse ponto que reside a utilidade das representações sociais, ao possibilitar o (re)conhecimento da diversidade sexual, pois o seu caráter dinâmico admite explicações acerca das identidades sexuais e de gênero, o pode levar à ancoragem dessa categoria a ideias preexistentes, além de envolver a criação de um modelo simbólico que transforma essa categoria não familiar em algo mais concreto e comum. Sugere-se

então, uma descontextualização dessas informações e normas sociais preexistentes que, em geral, possuem caráter prescritivo e dificultam a objetivação plena da diversidade sexual. Cabe atentar para o fato de que mesmo ocorrendo a ancoragem, concepções e crenças preestabelecidas histórica e socioculturalmente podem não ser afetadas substancialmente, impedindo que o processo de objetivação seja alcançado por completo, o que dificulta a desconstrução dos julgamentos antecipados e pré-conceitos.

Contudo, a análise das representações sociais permite o conhecimento das crenças e opiniões que norteiam diferentes práticas sociais, que a partir de então podem ser reconstruídas visando à inclusão da diversidade sexual e à desconstrução de preconceitos e discriminações que culminam nas práticas homofóbicas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do município sergipano Simão Dias. A escolha desse *locus* justifica-se pela escassez de estudos acerca dessa temática no interior de Sergipe. Foi realizada com sete (7) professores/as do ensino fundamental maior, das disciplinas de Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Inglês e Educação Física.



Neste estudo, utilizou-se a entrevista semiestruturada para coleta das informações, norteadas por um questionário com perguntas abertas e fechadas elaboradas com base na bibliografia estudada (DINIS, 2012; MADUREIRA, 2007; SILVA JÚNIOR, 2010; TOSSO, 2012). No questionário, foram inseridas imagens gráficas referentes às identidades sexuais e de gênero não heterossexuais (casal de gays, casal de lésbicas, travesti e mulher transexual), visando-se descrever e analisar de modo acurado as representações dos/as docentes acerca da diversidade sexual e homofobia.

As informações obtidas foram organizadas por meio da análise de conteúdo que engloba um conjunto de técnicas e procedimentos sistemáticos para descrever os conteúdos de um dado texto e realizar inferências que permitam uma interpretação da realidade fundamentada nos objetivos e na teoria que embasam a pesquisa. Para a análise de conteúdo, foi empregada a modalidade categorial temática, que consiste em desmembrar o texto em unidades de sentido, ou seja, são determinadas as principais opiniões e crenças encontradas nas respostas das entrevistas, com o posterior agrupamento dessas unidades em categorias de análise (BARDIN, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para agrupar e descrever os principais conteúdos das representações dos/as docentes acerca da diversidade sexual e homofobia, delimitamos a seguinte categoria a partir das unidades temáticas apreendidas com a análise dos questionários e entrevistas.

Como os/as docentes representam a Diversidade Sexual e Homofobia na escola?

As representações sociais dos/as docentes acerca da diversidade sexual e homofobia foram ao mesmo tempo convencionais e construtivas, pois embora envolvam crenças e normas preestabelecidas também revelaram o interesse em (in)formações e (re)aprendizagens que possibilitem a desconstrução dos preconceitos sutis e manifestos.

Nessa categoria foram incluídas representações reducionistas e ambíguas acerca da diversidade sexual e da homofobia, o que serve para ressaltar que as representações sociais são, de fato, fluidas e carregadas de contradições. Os/as docentes expressaram, de modo sutil ou manifesto, pré-conceitos acerca das identidades sexuais e de gênero que destoam do padrão heteronormativo.

Nesse ponto, destacamos que uma das faces do preconceito é resultante do processo



de socialização que impõe normas e regras acerca das identidades de cada indivíduo, então tais normatizações se ancoram nas ideias preexistentes e compõem as representações sociais, sendo expressas de modo manifesto ou sutil. Dessa forma, existem várias nuances de preconceito (nesse caso sexual), podendo este ser *manifesto*, expresso de forma mais evidente através da rejeição e discriminação direta; ou *sutil*, baseando-se na tolerância e complacência, o que impede a manifestação explícita da estranheza frente às diferenças (CHOCHÍK, 2006; SILVA JÚNIOR, 2010).

Tanto nos questionários quanto nas entrevistas, as representações dos/as docentes acerca do conceito de diversidade sexual, mostraram-se reducionistas e pautadas no entendimento da diversidade sexual como uma “escolha ou opção”:

Liberdade de expressar o desejo e opção sexual. (Prof. de Ciências, 33 anos, Católico)

Diferença sexual, oposição, multiplicidade ou até mesmo contradição entre pessoas, seres. (Prof.^a de Português, 23 anos, Católica)

Várias pessoas com condições de vida diferentes. (Prof. de Geografia, 30 anos, Católico)

Desde quando o outro escolhe ser o que naturalmente não era pra ser. A gente tem

que haver o respeito. Porque tem o livre-arbítrio todo mundo é livre pra suas escolhas. [...] (Prof.^a de Matemática, 41 anos, Católica)

Porque como tem essa diversidade sexual, então as pessoas têm escolhas, né de diversas maneiras, então se a pessoa quis... é escolheu ser homossexual, escolheu ser travesti [...] (Prof.^a de Educação Física, 24 anos, Católica)

Uma opção de vida, como... eu escolho, eu escolho ser professor, eu escolho ser hétero e... Eu acho, no meu ponto de vista ele escolhe ter relação homossexual, né, com, com uma pessoa do mesmo sexo. (Prof. de Inglês, 30 anos, Católico)

Essas representações que ao conceberem a diversidade sexual como “escolha” ou “opção sexual” remetem ao preconceito sutil, pois revelam uma das faces dos julgamentos antecipados advindos das normas e atributos impostos socialmente aos indivíduos, mas de forma latente e camuflada. Assim, tais representações desconsideram a multiplicidade de fatores e contextos socioculturais envolvidos na construção das identidades sexuais e de gênero, pois a diversidade sexual engloba as múltiplas vivências e expressões de sexualidade e gênero que são construídas no decorrer da vida humana a partir de aspectos históricos e socioculturais, e não por simples escolha, influência ou determinismos biológicos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(BORRILO, 2009; CHOCHÍK, 2006; LIMA, 2011; LOURO, 1997; RIOS, 2009; SILVA JÚNIOR, 2010).

Por outro lado, quando a diversidade sexual atinge a esfera pública os preconceitos tornam-se mais evidentes. Na questão que continha imagens gráficas de identidades sexuais e de gênero destoantes da heteronormatividade, respectivamente casal de gays, casal de lésbicas, travesti e mulher transexual, o preconceito manifesto marcou as respostas dos/as docentes. A saber:

Com relação às imagens do **casal de gays e de lésbicas**, as justificativas foram bastante semelhantes e foram destacadas as seguintes representações:

Não é natural. Essa cena vai de encontro a minha formação religiosa. (Prof.^a de Matemática, 41 anos, Católica)

É estranho. Não faz parte da nossa cultura, pois ainda é algo que não costumamos presenciar. (Prof.^a de História, 49 anos, Evangélica)

Choca. É estranho. É uma coisa diferente, com as quais não estamos acostumados a presenciar. (Prof. de Inglês, 30 anos, Católico)

As representações acerca da imagem de uma **travesti e de uma mulher transexual** evidenciaram um estranhamento ocasionado sobretudo por serem essas identidades de gênero totalmente destoantes do padrão

heteronormativo. Entretanto, tais representações negativas podem decorrer dos dogmas religiosos e conhecimentos parciais acerca das identidades de gênero, evidenciando representações alicerçadas no preconceito manifesto e no estranhamento do “não familiar”.

É estranho. Porque a nossa sociedade ainda não está preparada para aceitar, e também o travesti normalmente está nas esquinas das ruas, com roupas vulgares sendo garotos de programa e isso acaba se tornando um choque. (Prof.^a de Educação Física, 24 anos, Católica)

Choca. Infelizmente a maioria não respeita a si próprio, não tenho preconceito, não julgo, mas tem que haver sabedoria e postura. Não concordo com a mudança de sexo. (Prof.^a de Português, 23 anos, Católica)

Não é natural. Vai de encontro a minha formação religiosa. (Prof.^a de Matemática, 41 anos, Católica)

É estranho. Pelo fato de não termos sido educados para encararmos as diferenças sexuais. (Prof.^a de História, 49 anos, Evangélica)

As representações impostas histórica e socioculturalmente formam um sistema de “teorias espontâneas”, pois de tanto serem expressas e justificadas acabam tornando-se concepções naturais, parte do pensamento social (JODELET, 1993). Assim, determinada



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

representação acerca de uma temática e/ou grupo social, como a diversidade sexual, vai sendo construída a partir de comunicações e ações que foram (re)produzidas ao longo do tempo e da cultura por diversos grupos ou instâncias sociais (como a família, a escola, a religião, entre outras). Com efeito, esses relatos dos/as docentes evidenciam que tais representações sociais são construídas a partir de normas sexuais e de gênero preestabelecidas socioculturalmente, de modo manifesto ou sutil. Entretanto, conforme Alves- Mazzotti (2008) a partir do dinamismo e da versatilidade das representações sociais, tais julgamentos, pensamentos e posicionamentos normativos que ancorados na classificação, categorização e rotulação “estranham o diferente” podem ser substituídos por uma “familiarização com o estranho”.

Desse modo, cabe sugerir um exercício de problematização e desconstrução das naturalizadas e legitimadas relações de poder que atravessam a sexualidade e o gênero, em distintas instâncias socioculturais, sobretudo em nossas práticas educativas e políticas, ocasionando diversas formas de violência, como a homofobia. Assim, ao inserir a problematização nas práticas pedagógicas e nos currículos escolares e acadêmicos, indica-se um campo significativo de possibilidades para reflexão e intervenção de educadores/as,

que podem contribuir com a redução de diversos tipos de violência (MEYER, 2009) contra todos os sujeitos que destoam das normas sexuais e de gênero.

As representações dos/as docentes acerca da homofobia evidenciaram conhecimentos limitados acerca da amplitude dessa violência, pois as respostas reduzem a homofobia apenas à aversão e/ou preconceito contra os homossexuais, o que pode ser compreendido pelo entendimento literal do termo e pela carência da abordagem sistemática desses temas durante a formação inicial e continuada. A saber:

Aversão a homossexuais. (Prof.^a de Português, 23 anos, Católica)

Medo de assumir o que realmente possa ser, devido ao preconceito da família e da própria sociedade. (Prof. de Ciências, 33 anos, Católico)

Prática de intolerância contra pessoas. (Prof. de Geografia, 30 anos, Católico)

Preconceito contra homossexuais, aversão ou discriminação seja de formas sutis ou não. (Prof.^a de História, 49 anos, Evangélica)

Medo do semelhante, atualmente termo usado para descrever o preconceito e a violência contra os homossexuais. (Prof. de Inglês, 30 anos, Católico)

Apesar do termo homofobia ter sido utilizado inicialmente para se referir à rejeição



irracional ou mesmo aos sentimentos de ódio, medo, aversão e repulsa em relação a gays e lésbicas, não pode mais ser reduzido a isso. Visto que, esse sentido original se mostrou limitado, não abrangendo toda a extensão e complexidade do fenômeno homofóbico (BORRILO, 2009).

Ao compreender que a homofobia representa os preconceitos e/ou discriminações (e demais violências daí decorrentes) contra indivíduos ou grupos sociais em função de sua identidade sexual e/ou de gênero, poderiam ser incluídos neste conceito a lesbofobia, a gayfobia, a transfobia, bifobia, ou seja, a “LGBTfobia” em geral (BRASIL, 2012). Todavia, os diversos movimentos de lésbicas e transgêneros (travestis e transexuais) buscam problematizar a tendência “gaycêntrica” que o uso do termo homofobia pode implicar, procurando se afastar de abordagens individualizantes e despolitizantes centradas nas ideias de “fobia” ou “medo”. Assim, são propostas outras denominações que ampliem essa concepção, como “homopreconceito”, “heterocentrismo”, “homonegatividade”, ou que tornem mais visíveis as demais identidades sexuais e de gênero, daí surgiram os termos lesbofobia e transfobia (PRADO; JUNQUEIRA, 2011).

Sobre a abordagem das temáticas diversidade sexual e homofobia nas salas de

aulas, os/as educadores/as ressaltaram que seria mais fácil discutir esses temas, de modo planejado e sistemático, se a formação inicial tivesse fornecido ao menos a base necessária. Até mesmo, aqueles/as educadores/as que demonstraram representações normativas acerca da diversidade sexual, deram a entender que as (in)formações poderiam possibilitar uma abordagem significativa desse tema em direção à problematização da homofobia.

Talvez se durante a minha formação docente houvesse [...] mais diálogos em sala, conversas, muito mais pesquisas até na área, talvez a gente viesse pra sala de aula com aquela intenção de pôr em prática o que ouviu lá. (Prof.^a de matemática, 41 anos, Católica)

[...] a gente tem muito ainda o que aprender, [...] não que a gente esteja ainda com aqueles tabus, [...] mas, a gente precisa tá participando mais de cursos, precisa tá se aperfeiçoando mais, né... pra gente falar mais [...] (Prof.^a de História, 49 anos, Evangélica)

Como enfatizou uma educadora: “a gente tem muito ainda o que aprender”. Para uma abordagem sistemática e significativa acerca das temáticas sexualidade e gênero que favoreça o (re)conhecimento da diversidade sexual na escola, parece relevante que o corpo docente aprenda a questionar as certezas e normatizações, em direção a compreensão das



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

instabilidades e multiplicidades que atravessam as vivências e expressões da vida humana, sobretudo com relação às identidades sexuais e de gênero. Para que os/as docentes possam refletir, analisar e orientar de acordo com as peculiaridades de cada faixa etária, atentando-se à complexidade biopsicossociocultural que permeia sua construção e para a relevância de problematizar os padrões preestabelecidos (LOURO, 1997).

Diversos fatores impedem que os/as docentes conduzam, de modo sistemático uma abordagem acerca das temáticas sexualidade, gênero e diversidade sexual, entre estes obstáculos destacamos a crença religiosa e/ou os valores morais conservadores; a insuficiência desses temas na formação inicial e continuada; carência de materiais específicos para subsidiar a discussão acerca das diferenças sexuais e de gênero; que se somam a falta de apoio e até proibição de algumas equipes diretivas. Ademais, a dificuldade em falar sobre a diversidade sexual também envolve representações sociais ancoradas em crenças e padrões sociais que impedem os/as educadores/as de (re)conhecer sua própria sexualidade e as múltiplas possibilidades de vivenciá-la e expressá-la. Destarte, alerta-se para a relevância de problematizar toda forma de padronização permitindo compreender a sexualidade como

uma construção em constante negociação com o outro e com o social, que engloba as multiplicidades de indivíduos e suas diversas identidades, em detrimento dos pressupostos da heteronormatividade e das relações de poder desiguais (DINIS, 2012; LOURO, 1997; SEFFNER, 2009). Para tanto, a inclusão de temas relativos à diversidade sexual nos cursos de graduação e pós-graduação poderia constituir uma medida significativa.

Diante desse cenário, salientamos a importância de conhecer as representações dos/as educadores/as acerca da diversidade sexual e promover a discussão dessa temática no âmbito escolar, visto que este pode constituir um caminho propício para a problematização das convenções sociais que nutrem preconceitos sutis ou manifestos e reforçam as práticas homofóbicas contra sujeitos que destoam do padrão heteronormativo imposto socialmente.

CONCLUSÕES

Cabe ressaltar a relevância da abordagem das temáticas relativas à diversidade sexual, sexualidade e gênero na escola, de modo que os/as educadores/as possam se sentir instigados/as a buscar conhecimentos de forma crítica visando rever e problematizar suas próprias representações,



frequentemente compostas por crenças e preconceitos. Além disso, poderiam adotar modalidades didáticas que permitam acolher a pluralidade de indivíduos no âmbito escolar, sobretudo do ponto de vista dos direitos humanos, pautando-se na equidade, no reconhecimento e na desconstrução de todas as formas “sutis” ou manifestas de preconceitos e discriminações.

Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de incluir a temática diversidade sexual, de modo sistemático e permanente, nos currículos dos cursos de licenciaturas em todas as áreas humanas, sociais e biológicas, para que os/as educadores/as possam se familiarizar com a multiplicidade de vivências e expressões de sexualidade e gênero. E, assim, sejam interpelados por (in)formações que possibilitem refletir e (re)pensar acerca dessas temáticas, buscando compreender que as identidades sexuais e de gênero são fluidas e dinâmicas, não dicotômicas e estáticas como preconiza o modelo heteronormativo imposto socioculturalmente.

Além disso, em direção à problematização e/ou desconstrução dos preconceitos e discriminações que compõem a homofobia, as pesquisas científicas (nos cursos de graduação e pós-graduação) acerca da diversidade sexual e da homofobia poderiam constituir um caminho promissor. Pois, as (in)formações e os conhecimentos

acerca das temáticas diversidade sexual, sexualidade e gênero contribuem com a familiarização das diferenças e em consequência possibilitam a reconstrução das representações sociais, o que pode incluir mudanças nas concepções, saberes e práticas em favor das diversidades e contra a homofobia e toda forma de violência.

REFERÊNCIAS¹

ABRAMOVAY, M., CASTRO, G. M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004, p.29-38.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n.1, p.18-43, jan. / jun. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO; DINIZ, D (Orgs.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p.15-46.

BRASIL. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: O ano de 2011**. Brasília: Distrito Federal, 2012.

CHOCHIK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DINIS, F. N. Educação e diversidade sexual: interfaces Brasil/Canadá. **Revista Educação**

¹ De acordo com Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.



Cultura Contemporânea, v. 9, n.18, p.75-96, 2012.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____. (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves- Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, 1993, p.31-61.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.63-85.

JUNQUEIRA, R. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p.161-193.

LIMA, M. E. O. Preconceito. In: TORRES, A. R. R. et al. (Orgs.). **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011, p.451-500.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

MADUREIRA, A. F. **Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual na Escola: a construção de uma cultura democrática** (Tese de doutorado). Brasília: UnB, 2007.

MEYER, D. E. E. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p.213-234.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NARDI, H. C. Educação, heterossexismo e homofobia. In: POCAHY, F. (Org.). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: Corpo e prazer**. Porto Alegre: NUANCES, 2010, p. 151-167.

PRADO, M. A. M.; JUNQUEIRA, R. D. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p.51-71.

RIOS, R. R. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p.53-84.

SEFFNER, F. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p.125-140.

SILVA JÚNIOR, J. A. **Rompendo a mordaca: Representações Sociais de Professores e Professoras do Ensino Médio sobre homossexualidade** (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2010.

TOSSO, M. P. **Formación del Profesorado en la Atención a La Diversidad Afectivo-Sexual** (Tesis doctoral). Madrid: Facultad de Educación da Universidad Complutense de Madrid, 2012.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br